

**B**ianca nasceu na confluência de dois Brasis: o que não funciona e o que teima em funcionar. Tinha menos de cem horas de vida quando escapou do Hospital Geral de Guaianazes, na zona norte de São Paulo, no colo da mãe. Estava com icterícia, os médicos insistiam em retê-la mais algum tempo, mas os pais, Vera e Joseval, bateram pé. “Quero ver quem vai me barrar, pode vir o papa que eu vou sair daqui com o meu neném”, decidiu Vera, temendo uma infecção hospitalar. Depois do parto, ela e o bebê foram acomodados numa ala sem chuveiro; a descarga do vaso sanitário não funcionava e não havia como dar banho em Bianca. “O médico pode ter estudado vinte anos, mas eu tenho filhos e sei como são essas coisas”, diz a mãe. Parece saber mesmo. Este foi o seu décimo segundo parto.

Vera Lucia Costa Moreira Rainato é moradora de Cidade Tiradentes. A primeira periferia vertical erguida durante a ditadura militar, fica no meio do nada, muito além das franjas da capital paulista. Era uma paisagem lunar, espetada por centenas de conjuntos habitacionais que foram adquirindo humanidade ao longo dos anos. Cidade Tiradentes tem hoje uma população acima de 230 mil habitantes. É a subprefeitura com a mais alta taxa de crescimento populacional de São Paulo: 6,8% ao ano, enquanto a média da capital fixou-se em 0,8% na úl-

tima década. É ali, no número 411A da rua Ernesto Cerreti, que Bianca deixa de ser uma estatística. Foi recebida como princesa no espaço murado e sem janelas em que moram os pais e nove de seus 11 irmãos.

Vera, a mãe, já tinha gerado 11 filhos antes da chegada de Bianca — na contramão da taxa de fecundidade média de Cidade Tiradentes, estabilizada em 2,01 partos. Ainda assim, não é uma mulher envelhecida, esgarçada pela vida, com os filhos à deriva pelas ruas da metrópole. Aos 41 anos de idade, Vera tem um rosto liso, corpo ainda jovial e aguda percepção de sua responsabilidade. “Eu fiz os filhos, sei do meu compromisso. Estão todos vivos, com saúde e na escola [os dois mais velhos já moram sozinhos]. Ninguém vai ver nenhum deles mendigando em esquina. Eles são uma bênção. Mas eu sou eu. Para a neném [Bianca], desejo que estude muito, que tenha uma boa profissão e que talvez não tenha filho, porque a vida me ensinou que o país melhora pouco”. Vinte e quatro anos atrás, quando nasceu Fabiana, a primogênita, Vera sonhou que ela poderia se tornar médica pediatra. Não deu — Fabiana já tem dois filhos pequenos, trabalha, paga a farmácia por uma injeção anticoncepcional mensal e frequenta um programa para jovens de 18 a 24 anos que ainda não concluíram o ensino fundamental. Só um dos 12 par-